

O PROJETO DECAMERÃO

29 HISTÓRIAS
DA PANDEMIA

The New York Times Magazine

Ilustrações de Sophy Hollington

Tradução:

Isabela Sampaio, Luisa Geisler,
Rogerio W. Galindo e Simone Campos

Rocco:
DIGITAL


O companheiro de viagem perfeito, de Paolo Giordano
Um gentil ladrão, de Mia Couto
Sono, de Uzodinma Iweala
O depósito, de Dina Nayeri
Aquela vez no casamento do meu irmão, de Laila Lalami
No tempo da morte, a morte do tempo, de Julián Fuks
Garotas prudentes, de Rivers Solomon
História de origem, de Matthew Baker
À muralha, de Esi Edugyan
Barcelona: Cidade aberta, de John Wray
Uma coisa, de Edwidge Danticat

Agradecimentos

Colaboradores



PREFÁCIO DE CAITLIN ROPER

 m março de 2020, as livrarias começaram a esgotar os estoques de um livro do século XIV — *O Decamerão*, de Giovanni Boccaccio, uma coleção de histórias dentro da história, contadas por e para um grupo de mulheres e homens que se abrigaram fora de Florença enquanto a peste assolava a cidade. Nos Estados Unidos, estávamos começando a nos isolar, a aprender o significado de entrar em quarentena, e muitos leitores buscavam orientação nesse livro antigo. Conforme o coronavírus começava a se espalhar pelo mundo, a romancista Rivka Galchen procurou a *New York Times Magazine* e nos disse que gostaria de escrever um artigo recomendando o *Decamerão* de Boccaccio para ajudar os leitores a compreenderem o momento atual. Amamos a ideia, mas, em vez disso, pensamos: e se fizéssemos nosso próprio *Decamerão*, repleto de novas histórias escritas durante a quarentena?

Começamos a entrar em contato com escritores pedindo que apresentassem suas ideias — em linhas gerais, que histórias esperavam contar. Alguns deles estavam trabalhando em romances e não teriam tempo. Um estava cuidando de crianças pequenas e ainda não tinha descoberto como, e se, seria capaz de escrever nessas circunstâncias. Outro respondeu: “Infelizmente, a parte do meu cérebro que escreve ficção não está encontrando inspiração na crise atual.” Nós compreendemos. Não sabíamos ao certo se nossa ideia tinha futuro.

Mas então, conforme o vírus dominava a cidade de Nova York e encarávamos o medo e a tristeza do luto, começamos a ouvir algo diferente, algo que nos deu esperança: interesse e ideias de histórias tentadoras. O romancista John Wray disse que gostaria de escrever “sobre um jovem na Espanha que aluga seus cães para ajudar pessoas a burlarem as restrições do toque de recolher, fingindo passear com seus

animais de estimação”. A ideia de Mona Awad começa assim: “Ao completar quarenta anos, uma mulher se dá de presente uma visita a um spa exclusivo para fazer um de seus famosos tratamentos faciais. Chegando lá, eles lhe oferecem um procedimento altamente experimental que envolve a remoção de certas memórias ruins para iluminar, suavizar e rejuvenescer verdadeiramente a pele...” Charles Yu nos disse que teve algumas ideias, “mas a que mais me anima é uma história contada a partir de dois pontos de vista: o vírus e o algoritmo de buscas do Google”. Eis a ideia de história que Margaret Atwood gostaria de escrever: “Ela é contada a um grupo de terráqueos em quarentena por um alienígena de um planeta distante que fora enviado à Terra como parte de um pacote de auxílio interestelar.” É isso, essa foi a ideia completa. Como seria possível dizer não? Queríamos ler todos esses contos. Na verdade, tínhamos material demais para encaixar numa só revista. Logo percebemos, com dor no coração, que precisávamos parar de procurar escritores.

Quando as histórias começaram a chegar, por mais que estivéssemos imersos numa das experiências mais assustadoras de nossas vidas, sabíamos que esses escritores estavam produzindo arte. Não estávamos preparados para a intensidade com que seriam capazes de transformar o horror do momento atual em algo tão poderoso. Foi um lembrete de que as melhores obras de ficção podem nos transportar para longe de nós mesmos e, ao mesmo tempo, de certa forma, nos ajudar a compreender exatamente onde estamos.

A edição da revista foi publicada em 12 de julho, enquanto o vírus voltava a avançar nos Estados Unidos. A resposta dos leitores foi rápida e entusiástica. Nossas caixas de entrada se encheram de cartas ao editor, comentando sobre o conforto que os contos lhes proporcionaram. Não dá para pensar num objetivo maior para este projeto, tanto em sua forma original quanto no livro que você tem agora em mãos, do que oferecer alegria e consolo durante um momento sombrio e instável. Esperamos que você o leia com saúde.

**CONTOS SALVA-
-VIDAS** **UMA INTRODUÇÃO
DE RIVKA GALCHEN**



dez jovens decidem entrar em quarentena longe de Florença. O ano é 1348, época da peste bubônica. Os infectados desenvolvem protuberâncias na virilha ou nas axilas, seguidas de manchas escuras espalhadas pelo corpo. Dizem que alguns aparentam saúde no café da manhã, mas, lá pela hora do jantar, já estão dividindo um prato com seus ancestrais em outro plano. Porcos selvagens farejam e dilaceram os trapos dos cadáveres, e, em seguida, estes animais têm convulsões e morrem. O que esses jovens fazem, após escapar de um sofrimento e um horror indescritíveis? Eles comem, cantam e se revezam contando histórias uns aos outros. Em uma delas, uma freira veste por engano as calças do amante na cabeça, como se fosse uma touca. Em outra, uma mulher de coração partido cultiva manjerição num vaso que contém a cabeça decepada de seu amante. A maioria das histórias é boba, algumas são tristes, e nenhuma delas é centrada na peste. Esta é a estrutura do *Decamerão* de Giovanni Boccaccio, um livro aclamado há quase setecentos anos.

Tudo indica que Boccaccio, ele mesmo de Florença, tenha começado a escrever o *Decamerão* em 1349, mesmo ano em que seu pai faleceu, provavelmente em decorrência da peste. Ele concluiu o livro em poucos anos. Inicialmente, a obra foi lida e adorada pelas mesmas pessoas que assistiram à morte de quase metade de seus conterrâneos. As histórias do livro, em sua maioria, não são novas, mas antigos contos conhecidos reencarnados. Boccaccio termina o *Decamerão* com uma piada sobre como alguns leitores podem considerá-lo um homem de peso, mas, como explica, ele é tão leve que flutua na água. O que pensar de tanta jocosidade num momento desses?

Em meados de março, eu e vários outros assistimos a dois pinguins-de-penacho-amarelo passeando livremente pelo Shedd Aquarium, em Chicago. Wellington, o pinguim, encantou-se com as belugas. Embora naquele momento talvez eu já tivesse lido dezenas de artigos sobre o novo coronavírus, foram aqueles curiosos pinguins isolados que fizeram com que a pandemia me parecesse real emocionalmente, por mais que os vídeos também me fizessem sorrir e fossem um alívio em

meio às “notícias”. Em maio, três pinguins de Humboldt visitaram os corredores estranhamente vazios do Museu de Arte Nelson-Atkins, em Kansas City, e se demoraram diante das pinturas de Caravaggio. Os próprios pinguins tiveram um certo assombro com a arte — a revelação de uma realidade que sempre esteve presente, mas, paradoxalmente, escondida por trás de tanta informação.

É fácil não reparar na realidade, talvez por olharmos para ela o tempo inteiro. Minha filha de seis anos teve pouco a dizer e poucas perguntas a fazer a respeito da pandemia, exceto por, vez ou outra, propor um plano: partir o coronavírus em um milhão de pedacinhos e enterrá-lo no solo. Ela acha essa “história” perturbadora demais para se pensar diretamente. Mas, quando as notícias mostraram equipamentos de proteção individual, seus bonecos passaram a vestir armaduras feitas de embalagens de papel-alumínio, barbante e fita adesiva. Mais tarde, eles foram embrulhados em bolinhas de algodão. Envolveram-se em batalhas detalhadas que eu não conseguia compreender. Em momentos mais silenciosos de leitura, minha filha desenvolveu uma obsessão pela série *Wings of Fire*, em que jovens dragões trabalham para cumprir a profecia de que darão um fim à guerra.

Quando temos uma história radical, verdadeira e importante acontecendo a cada instante, por que recorrer a contos imaginários? “A arte é o que torna a vida mais interessante do que a arte”, observou o artista francês do movimento Fluxus, Robert Filliou, em um de seus trabalhos, sugerindo que não enxergamos a vida à primeira vista. É como se ela fosse uma daquelas ilusões de ótica, tal qual a caveira na pintura *Os Embaixadores*, de Hans Holbein, o Jovem, que só é percebida quando o observador fica de lado — vista de frente, pode ser confundida com madeira, ou nem sequer notada. No italiano de Boccaccio, a palavra *novelle* significa tanto notícias quanto contos. As histórias do *Decamerão* são notícias em um formato que os ouvintes podem acompanhar. (A regra da quarentena dos jovens era: nada de notícias de Florença!) A primeira história é um relato cômico de como lidar com um futuro cadáver; a comédia serve de amparo para a catástrofe que é familiar demais para ser compreendida.

Mas, ao longo do *Decamerão*, o tom e o conteúdo das histórias que

os jovens contam uns aos outros vão mudando. Os primeiros dias são, sobretudo, de piadas e irreverência. Então, no quarto dia, temos dez histórias seguidas com a temática do amor trágico. No quinto: histórias de amantes que, após terríveis acidentes ou infortúnios, encontram a felicidade. Boccaccio escreve que, durante a peste negra, o povo de Florença parou de lamentar ou chorar pelos mortos. Após alguns dias afastados, os jovens contadores de histórias de sua obra são enfim capazes de chorar, em tese pelos contos imaginários de amor trágico, mas mais provavelmente por seus próprios sentimentos.

O paradoxo das histórias escapistas de Boccaccio é que, no fim das contas, elas levam os personagens e os leitores de volta àquilo do qual fugiram. Os primeiros contos se passam em diversas épocas e locais, enquanto os últimos são muitas vezes ambientados na Toscana, ou até mesmo especificamente em Florença. Os personagens das histórias passam por dificuldades mais contemporâneas e reconhecíveis. Um juiz florentino corrupto tem suas calças arriadas por baderneiros — todo mundo ri. Um homem simplório chamado Calandrino é enganado e injustiçado repetidas vezes — será que deveríamos rir? No décimo dia, ouvimos contos daqueles que se comportam com uma nobreza quase inimaginável diante de um mundo visivelmente cruel e injusto. Emocionalmente seguros — é só uma história, afinal —, os personagens sentem esperança.

A série de histórias de Boccaccio, contadas sob determinada perspectiva, era em si uma antiga estrutura renovada. Em *As mil e uma noites*, a estrutura é criada a partir de Scheherazade contando histórias ao marido, o rei. Se ele se cansar, matará Scheherazade, assim como fez com as esposas anteriores. As histórias dentro da história de *Panchatantra* apresentam personagens — muitas vezes animais, por vezes pessoas — enfrentando dificuldades, dilemas e guerras. Em todos esses casos, os contos, de uma forma ou de outra, são salvadores, ainda que o entretenimento seja uma das principais maneiras pelas quais eles podem salvar uma vida. Ler histórias em tempos difíceis é um modo de compreender esses tempos, além de uma ferramenta para seguir em frente.

Os jovens do *Decamerão* não deixaram a cidade para sempre. Após

duas semanas afastados, decidiram voltar. Voltaram não porque a peste fora erradicada — não havia nenhum motivo para que acreditassem nisso. Eles voltaram porque, tendo rido e chorado e imaginado novas regras para viver, foram então capazes de, enfim, enxergar o presente e pensar no futuro. As *novelle* de seus dias de ausência tornaram as *novelle* de seu mundo, ao menos por um instante, novamente vívidas. *Memento mori* — lembre-se de que é preciso morrer — é uma mensagem valiosa e necessária para tempos normais, quando podemos nos esquecer. *Memento vivere* — lembre-se de que é preciso viver — é a mensagem do *Decamerão*.

RECONHECIMENTO, DE VÍCTOR LAVALLE

Tradução de Simone Campos



ifícil encontrar um apartamento bom em Nova York, imagine então encontrar um bom prédio. Não, essa não é uma história de como eu comprei um prédio. Estou falando dos moradores, é claro. Encontrei um bom apartamento, em um bom prédio, em Washington Heights. Uma construção velha de seis andares na esquina da rua 180th com a avenida Fort Washington; o apartamento é de um quarto, o que para mim dá e sobra. Eu me mudei em dezembro de 2019. Talvez você já esteja vendo onde essa história vai dar. Veio o vírus e, em quatro meses, metade do prédio ficou vazio. Alguns dos meus vizinhos fugiram para alguma outra casa ou foram morar fora da cidade com os pais; outros, mais idosos, mais pobres, desapareceram no hospital a doze quarteirões de distância. Eu me mudara para um prédio apinhado e, de repente, estava morando em um deserto.

E aí eu conheci Pilar.

— Você acredita em vidas passadas?

Estávamos na portaria, esperando o elevador. Isso foi logo que começou o confinamento. Ela fez a pergunta, mas não respondi nada. O que não é a mesma coisa que dizer que não reagi. Dei meu típico sorrisinho curto e olhei para o meu pé. Não é que eu seja grossa, só tímida de dar dó. Não é uma condição que desaparece, nem mesmo durante uma pandemia. Sou uma mulher negra, e as pessoas se fazem de surpresas quando descobrem que a gente também pode não ser lá muito sociável.

— Não tem ninguém mais aqui — continuou Pilar. — Então devo estar falando com você.

Seu tom conseguiu a proeza de ser direto e, ao mesmo tempo, engraçado. Enquanto o elevador chegava, olhei na direção dela, e foi assim que vi seus sapatos. Tipo Oxford, preto e brancos, com bico; a parte branca tinha uma pintura imitando teclas de piano. Apesar do confinamento, Pilar tinha se dado ao trabalho de calçar aqueles sapatos tão bonitos. Eu voltava do supermercado com chinelos velhos e surrados.

Abri bem a porta do elevador e finalmente olhei para a cara dela.

— Pronto, aí sim — disse Pilar, como quem elogia um passarinho medroso que, por fim, vem pousar no seu dedo.

Pilar talvez tivesse uns vinte anos a mais do que eu. Eu completei quarenta no mês em que me mudei para o prédio. Minha mãe e meu pai ligaram de Pittsburgh para cantar parabéns para mim. Apesar dos acontecimentos, eles não me pediram para voltar para casa. E eu também não pedi. Quando estamos juntos, eles ficam perguntando sobre a minha vida, os meus planos, o que acaba me transformando na adolescente rabugenta que um dia já fui. Mas meu pai mandou entregar aqui uma porção de suprimentos básicos. Sua forma de demonstrar amor sempre foi essa — fazer tudo para que eu estivesse bem abastecida.

— Tentei comprar papel higiênico — disse Pilar no elevador. — Mas o pessoal anda em pânico, então não consegui nenhum. Eles acham o quê, que bunda limpa não transmite vírus?

Pilar ficou me observando; o elevador chegou ao quarto andar. Ela saiu e ficou segurando a porta aberta.

— Você não ri das minhas piadas, e nem pra me dizer o seu nome?

Aí eu dei um sorriso, porque aquilo estava virando brincadeira.

— Então é um desafio — disse ela. — A gente vai voltar a se ver. — Ela apontou para algum lugar no corredor. — Moro no número quarenta e um.

Ela soltou a porta do elevador, e eu subi até o sexto andar, guardando as minhas compras. Naquela época, eu ainda pensava que tudo logo voltaria ao normal. Agora dá até vontade de rir. Entrei no meu banheiro. Uma das coisas que meu pai me enviou foi papel higiênico, trinta e dois rolos. Retornei rapidamente ao quarto andar e deixei três rolos em frente à porta de Pilar.

Um mês depois, eu já tinha me acostumado a entrar no meu “escritório remoto”, a grade de telas — nossas cabecinhas — tão parecida com o escritório de plano aberto em que previamente trabalhávamos; eu devia falar tanto com meus colegas antes quanto estava falando agora. Quando tocaram a campainha, a oportunidade de sair da frente do meu laptop me fez pular da cadeira. Talvez fosse Pilar.

Coloquei mocassins com fivela; também estavam bem surrados, mas eram melhores que os chinelos que eu estava usando da última vez que nos vimos.

Mas não era ela.

Era o zelador, Andrés. Com quase sessenta anos, natural de Porto Rico, ele tinha uma tatuagem de leopardo lhe subindo pelo pescoço.

— Ainda por aqui — falou ele num tom simpático por trás de sua máscara azul.

— Aonde mais eu iria?

Ele fez que sim e deu uma bufada, um meio-termo entre um riso e uma tossida.

— A prefeitura disse que, a partir de agora, eu tenho que olhar os apartamentos um por um. Todo dia.

Ele segurava uma bolsa barulhenta feito uma sacola cheia de cobras de metal. Quando fiz menção de olhar, ele a abriu: latas de tinta spray prateada.

— Se ninguém atender a porta, preciso usar isso aqui.

Andrés deu passagem para mim. Corredor abaixo; apartamento 66. A porta verde tinha sido vandalizada com um enorme V prateado. Tinta tão fresca que ainda escorria.

— V de vírus?

As sobrancelhas de Andrés subiram e desceram:

— De vazio.

— É uma forma mais delicada de dizer, eu acho. — Ficamos calados, ele no corredor e eu no apartamento. Percebi que eu não tinha posto a minha máscara quando fui atender, e cobri a boca ao falar. — A prefeitura está te obrigando a fazer isso?

— Em alguns bairros — respondeu Andrés. — Bronx, Queens, Harlem. E aqui. Áreas complicadas. — Ele pegou uma das latas e a sacudiu. A bolinha interna fez clic-clac lá dentro. — Amanhã bato aqui de novo. — disse ele. — Se você não responder, tenho a chave.

Fiquei observando enquanto ele ia embora.

— Quantas pessoas sobraram? — gritei para ele. — No prédio?

Ele já havia chegado às escadas, começava a descer. Se me respondeu, eu não ouvi. Andei até o patamar. Havia seis apartamentos

no meu andar. Cinco portas haviam sido adornadas com a letra V. Só restava mesmo eu.

Talvez você ache que na mesma hora fui correndo ao apartamento de Pilar, mas eu não podia perder o emprego. O locador não dissera nada sobre perdoar meu aluguel. Voltei para o computador e lá fiquei até o fim do dia. Senti um enorme alívio quando vi que o número 41 não estava pintado. Bati na porta até Pilar abrir para mim. Ela estava usando máscara, assim como eu, mas eu bem vi que ela estava sorrindo. Olhou do meu rosto direto para os meus pés.

— Esses sapatos já viram dias melhores — disse ela, e deu uma risada tão deliciosa que eu nem me lembrei de sentir vergonha.

Pilar e eu íamos juntas ao supermercado; duas idas por semana. Andávamos lado a lado, a um braço de distância, e quando cruzávamos com outras pessoas, ficávamos uma atrás da outra, em fila. Pilar falava o tempo inteiro, estivesse eu a seu lado ou atrás dela. Sei que há quem critique os tagarelas, mas seu falatório me caía como uma chuva depois da seca.

Ela veio da Colômbia para Nova York, após uma rápida estada em Key West, na Flórida. Ela já morava em Manhattan, entre uma ponta e outra, fazia quarenta anos. Pilar tocava piano e idolatrava Peruchín; já se apresentara com Chucho Valdés. E agora ela dava aulas para crianças em seu apartamento por 35 dólares a hora. Ou pelo menos era o que fazia, até o vírus tornar perigoso recebê-las. Que saudade deles, dizia ela toda vez que nos falávamos, enquanto quatro semanas se tornavam seis, e seis se tornavam doze. Ela se perguntava se algum dia voltaria a ver seus alunos e os pais deles.

Eu me ofereci para organizar aulas de piano à distância para ela. Usaria a conta do meu trabalho para abrir sessões de bate-papo gratuito para ela. Mas nisso já se iam três meses de quarentena, e Pilar não andava mais tão animada. Ela disse:

— Essas telas dão a impressão de que ainda estamos todos conectados. Mas não é verdade. Quem podia se mandar, se mandou. O resto? Fomos abandonados.

Ela saiu do elevador.

— Fingir para quê?